

84YK51nopt
015

Occidentaro

O CÂNTARO

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: CILEIDA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO — 1973

O CÂNTARO
A NOVA ARTE UCRANIANA

TRADUÇÃO: WIRA WOWK
REVISÃO: AÍLA DE OLIVEIRA GOMES

A arte ucraniana é hoje uma árvore ramificada de onde cada galho toca um outro continente ou um outro país. Suas raízes se prendem, no entanto, ao solo negro da Ruthenia, como a chamavam manuscritos medievais, da Terra Cossacorum, como a mencionavam gravuras barrocas, da Ucrânia, seu nome agora, que significa Terra dos Confins.

Sobre seu povo desabaram cataclismas de lutas, perseguições, desterros, como outrora choveram graças de épocas heróicas e gloriosas, fazendo surgir castelos e igrejas, renovando campos de ásperas espigas. Sempre, porém, montanhas queimadas de novo se cobrem de pinheiros e azáleas, e homens novos amadurecem para inventar e criar do ermo. Os vivos viram quanto perderam da sua herança e sentem a culpa do papel não escrito e das pedras não esculpidas.

Assim os filhos da Terra dos Confins carregam o fardo dos filhos dos homens: o orgulho e a ternura pelo passado e a fé no futuro — uma fé amarga, sem ilusões; sabem o quanto ela depende daquilo que dá sentido à vida: gravar no mármore do tempo seu auto-retrato.

Wira Wowk

+ VASSYL SYMONENKO /Tcherkassy/

*

Rejubilai-vos, sol e vento,
Mata em frescor matinal,
Ressuscito em louco alento —
Primaveril temporal.

Quando em ondas paira a calma,
Escuta meu coração,
Mas não cala dentro da alma
Seu desvairado trovão.

CALMA E TROVÃO, Kiev, 1962



YAROSLAW MATSELŪKH /Lviv/
O ACORDAR, 1967, óleo

IRYNA JYLENKO /Kiev/

*

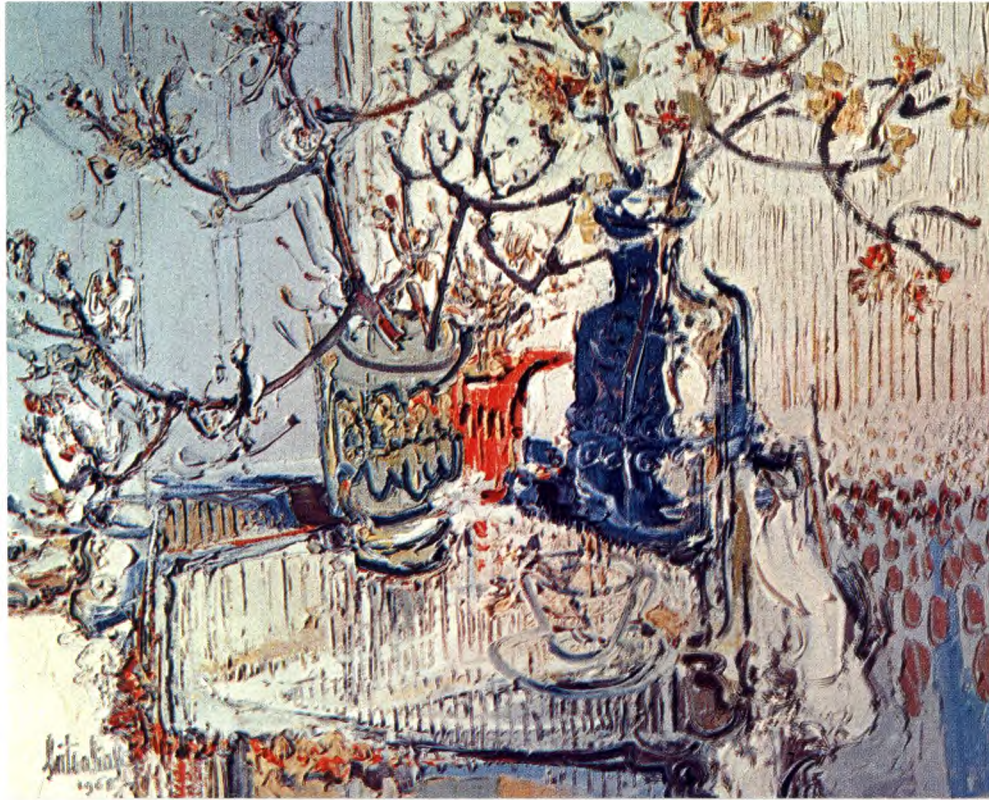
O gato de ouro reluz no soalho.
Acordo entre sons,
 com as mãos separo
 o gorgeio.

Em frente, prata-latão do telhado
Meu céu musical
 com líquido sol golpeia.

O disparo dos pombos!
 Eu ressoo inteira
Com o tremeluzir de tenro-aéreas asas.
O disparo dos pombos!
 De sua força veleira,
De seu voo angustiado
 meu céu extravasa.

Emudeço...
 Na alma as azuis escalas
Pela espera se espraia — ondas ao vento.
Depois dos olhos em gotas resvalam...
Ó felicidade!
 Tu és — sofrimento...

SOLO NA FLAUTA, Kiev, 1965



LUBOSLAW GHUTSALIUK /Nova York - Paris/
A MESA, 1968, óleo

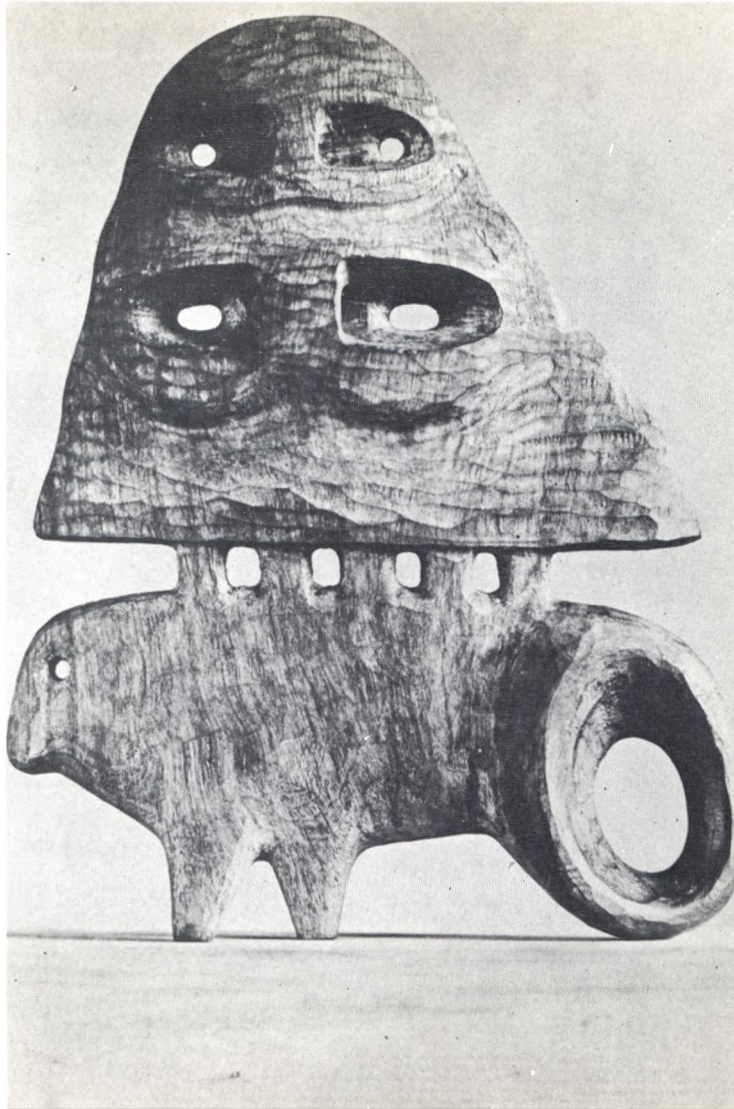
DMYTRÓ PAWLYTCHKO /Kiev/

*

Morangos ardem na clareira —
Tecido agreste, multicolor,
Abelhas zunem em tonteira
No viço verde em derredor.

Sob ramos novos eu me deito
E espero pelo meu amor
Que toma o coração do peito —
Um simples ninho com calor.

OUTUBRO, Lviw, 1972 Nr.1



GHRYPHORY PETSÚKH /Zakopane/
CLAREIRA NA MONTANHA, 1966, madeira

MYKOLA VINGHRANOWSKY /Kiev/

*

Minha noite vem, tua noite vem,
Não as deixam pernoitar.
Rodo em roda eu, rodas tu, meu bem,
Tornaremos a tornar.
Minha noite vem, tua noite também,
Eu e tu — sempre sem par.

Nem na minha mão, nem na tua mão
A noite ouro não vem.
Rodo em roda eu, rodas tu, meu bem,
A alma busca anos de além.

POESIAS, Kiev, 1971



BOGHDÁN SOROKA /Lviw/
AFOGAMENTO DA DEUSA MARENA, 1967, gravura

ROBERT TRETIAKOW /Kharkiw/

*

Três runas de minha bem-amada —
Letras na pedra lendária
No cruzar de três caminhos...
A primeira — a paixão de menina,
A segunda — o amargor da vida,
A terceira...

Se eu fosse adivinho
E lesse teu coração,
Lesse o olhar cor de vinho,
Escolher podia então
Entre os três
o mais grave caminho.

PÁTRIA, Kiev, 1972 Nr.4



SLAVA GUERULÁK /Nova York/
ONZEMILVIRGENS, 1963, cerâmica

BOGHDÂN RUBTCHAK /Nova Jersey/

RECORDAÇÃO DA LUA

Levantarás nas mãos
reliquias da lua
até meus lábios. Eu as beijarei
incendiando o branco
fogo na alma.

Será meu soberano:
em redor
hão de voar outono, inverno, estio,
primavera,
outono, inverno, estio —
ele queimando sempre.

E tudo o que tocar —
mesmo os instantes —
há de tornar-se em árvores e templos.

TRAIÇÃO LUMINOSA, Nova York, 1960



ZOYA LISSOWSKA /Genebra/
AMANTES, 1954, guache e nanquim

MARKÓ TSARYNNYK /Philadelphia/

*

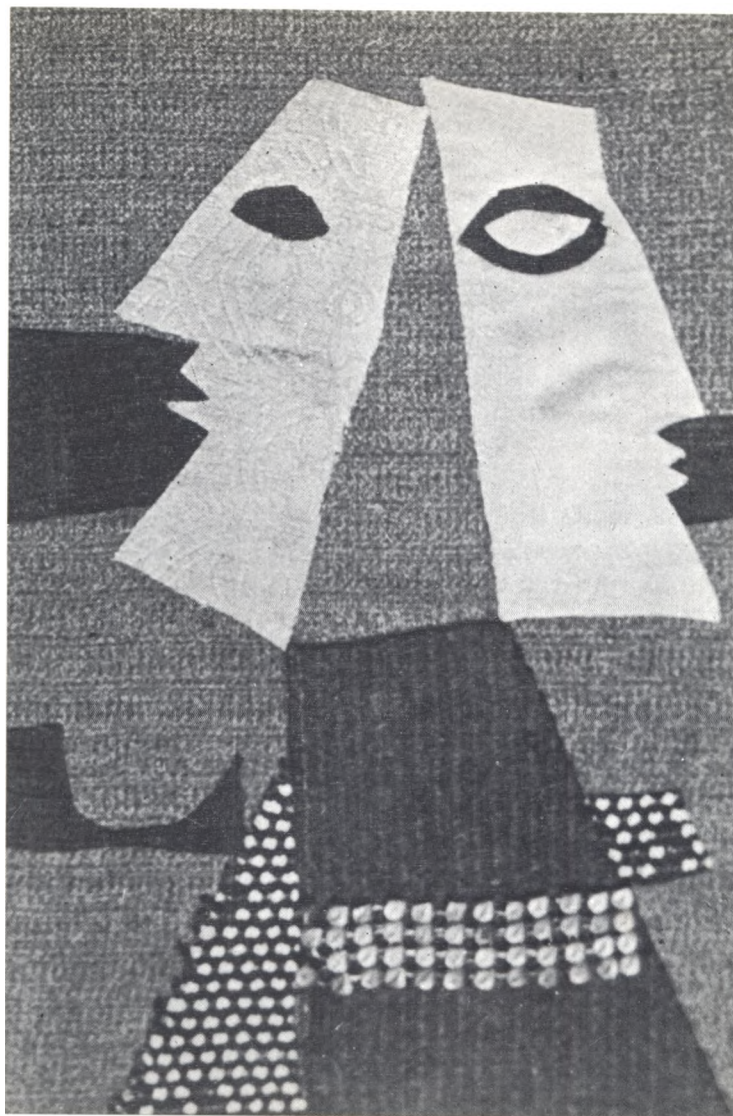
Como seixos
na margem do
rio que flui
invisível —
no meio de nós

tão frios
tão duros
tão mortos
de toda
alma despidos

como seixos
perdidas
feridas
queimadas
lágrimas —
tu não as sentes.

Com vida penitencio
morte.

ATUALIDADE, Munique, 1963 Nr.4



OLEKSANDRA KREPIAKEVYTCH /Lviv/
MÁSCARAS, 1967, tecido com aplicações de metal

KHRYSTIA KOLENSKA /Irvington/

ANÊMONAS

De manhã despertaram
em sonhos anêmonas
da fria, rachada
terra amortecida.

E tu, e eu
novamente nascemos
junto do vale escuro

quando a primavera
brilhava em teus olhos
andando descalça
pelas tímidas chuvas.

ATUALIDADE, Munique, 1972 Nr.9



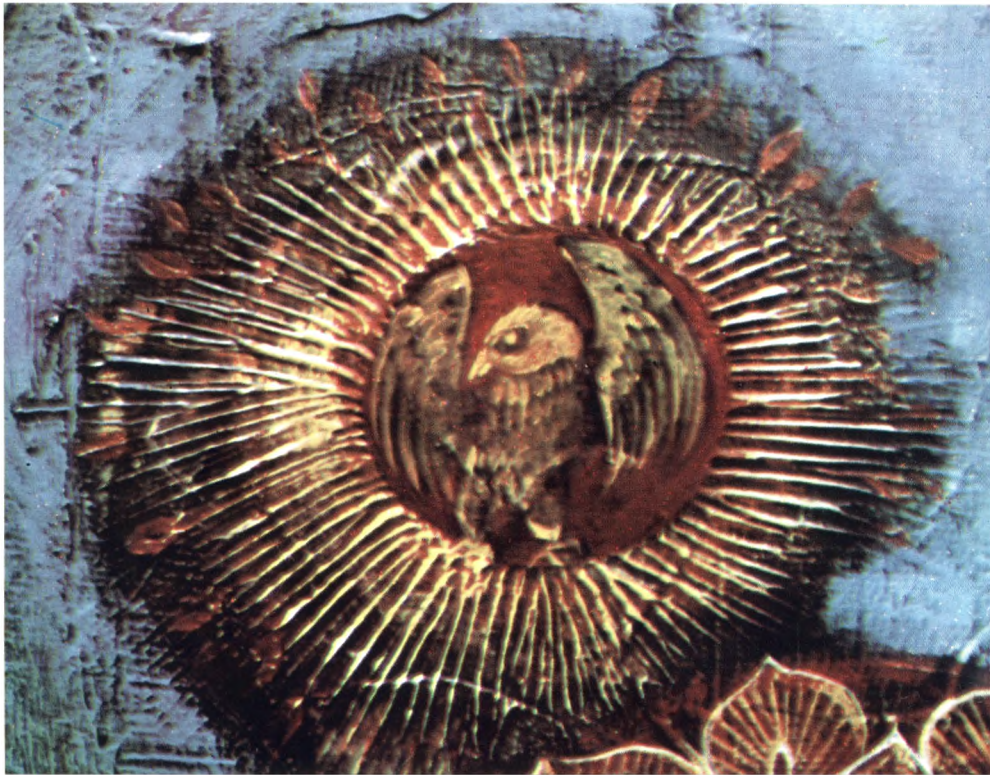
ARKADIA OLENSKA - PETRYCHYN /Nova Brunswick/
PLANTAS, 1972, nanquim

ROMÁN BABOVÁL /Lovaina/

*

voas voas
pássaro chamejante
de hora mais longa na paixão mais curta
de cidade angustiada no meu palácio encantado
de espelhos quebrados na água envenenada
pássaro carbonizante
voas voas

ATUALIDADE, Munique, 1972 Nr.7-8



SOPHIA LADA /Philadelphia/
ÁRVORES FLORIDAS, 1972, acrílico

VASSYL GHOLOBORODHKO /Donbás/

*

Olhar-te: mirar
como voam pomares
cobrindo tudo de branco.

Olhar-te: espiar
com um canto do olho
no âmago da maçã.

Olhar-te: guardar
nos olhos as aves cinzentas —
teus olhos voláteis.

Olhar-te: verter
sobre a lâmina nua
o sangue das rosas.

POESIA, Kiev, 1968 Nr.1



SLAVA GUERULAK /Nova York/
PRIMAVERA, 1964, renda

OLÉGH ZUIEWSKY /Edmonton/

Eu tive corcéis de crinas fogosas . . .
De madrugada pela estepe irei
Buscando pegadas entre as corolas
De loios azuis — coroas de reis.

Indagarei pela senhora esquiva
Que foi embora com meus corcéis,
Talvez da festa eu guarde a cantiga —
Só o riso não volverá outra vez.

SOB O SIGNO DE FENIX, Munique, 1958



OLÉGH MINHKÓ /L'viv/
RAINHA, 1965, têmpera

IVÂN GHNATIÚK /Borysláv/

*

Tristeza dos meus olhos, meu pesar,
És oração tranqüila e misteriosa,
Canção inacabada, que de além
Atiras-te, sem peso, na minha alma.
De que lugar vens vindo — eu não sei;
Nos olhos meus só tua imagem paira.
Embora estranha a outros, minha dor,
És oração
 tranqüila e misteriosa.

LUA CHEIA, Kiev. 1968



ZOYA LISSOWSKA /Genebra/
CANÇÃO, 1954, guache e nanquim

YEWGHÉN GHÜTSALO /Kiev/

*

Pervinca, encoberta de neve,
pervinca, prateada de geada,
pervinca — moitinha do meu destino
que esverdeia na palma da terra —
sonha um sonho cruzado.

Um torrão de fogo irisado, —
chamá-lo de tié-sangue? —
vem voando dentro do sonho,
pousa no ramo negro da sobancelha
e olha a fonte jorrar do meu olho...

POESIA, Kiev, 1968 Nr.1



GHALYNA SEWRÚK /Kiev/
FONTE, 1966, cerâmica

VOLODYMYR ZATULYVITER /Sumy/

LEMBRANÇA DA INFÂNCIA

Essa estação pequenina
Que agora
Cabe numa janela de trem
Era outrora tão grande.
Quem sabe o mundo cresceu,
Tornou-se adulto,
Abrindo mais numerosos
Caminhos ao longe...
Só essa estação
Permaneceu assim
Pequenina —
A mãe da gente.

PÁTRIA, Kiev, 1971 Nr.4



ANDRY BOKOTÉI /Lviw/
COMPOSIÇÃO, 1967, cerâmica

BOGHDAN BOYTCHUK /Nova York/

EM VEZ DE LAMENTO

*Chega, Marússia, à alcova
Deixa tua voz lá fora.*

Cântico nupcial

Deixa no pátio tua voz como o lenço
que a machuque da lembrança o vento.

Que a orvalhe com tranqüila mágua,
que agasalhe de pesar tua garganta.

Pois que teu amor já afaga a terra
e de seu sangue já brota a primavera.

LEMBRANÇAS DO AMOR, Nova York, 1963



IVÁN MARTCHÚK /Kiev/
O SONO, 1968, nanquim

ROMAN KUDLYK /Droghobytch/

VERDES ALEGRIAS DA RELVA

... A todos esperam
bombos negros

Cada um terá
Seu bombo negro
No qual hão de tocar
Com torrões negros
Próximos, estranhos,
Amigos, inimigos,
Tristes, indiferentes.
Hão de tocar
Só alguns instantes,
Mas tu não sentirás
Aquele toque
Sobre teu
bombo negro...

BILIARD DE PRIMAVERA, Kiev, 1968



MARKÓ ZUBÁR /Philadelphia/
PIETÀ, 1972, vitral

PATRYCIA KYLYNA /Nova York/

O CAVALO NEGRO E BRANCO

Vou ao campo, eu que não mais existo,
no inverno que se tornou uma geleira antiga,
pelo campo ermo, pela neve sem vestígio
chamo o cavalo novo
com os ecos dos ecos de minha voz.
E o cavalo chega e desaparece
em centelhas de geada ao sol;
branco, traz a neve de minha alma;
negro, jorra em água sob o gelo de minha alma,
sombrio, escurece na floresta de minha alma,
onde tinem seus cascos como xilofone antigo,
e suas pegadas — neumas — seguem
a linha do atalho sob a neve.
Aproximando-se, pisa silencioso
e tocando com as ventas meus dedos
come na palma da minha mão
a escura aveia da morte.
Sou eu quem alimenta com a morte,
sou eu quem alimenta com a eternidade,
é dentro de mim que o cavalo novo
parte para sempre à floresta,
para sempre some sob os ramos da minha alma.

LENDAS E SONHOS, Nova York, 1964



STEFANIA CHABATURA E OLEKSANDRA TSEGHELSKA /Lviw/
ZAKHÂR BERKÛT, 1966, tapeçaria

KATERYNA GHORBÁTCH /Munique/

*

não fujas
não te escondas
além do iconostás da meditação
persegue-me com visões
não me deixes perecer
na floresta de teleantenas
com meu fim interrompe
estatísticos signos herméticos
e manda a morte
dos tempos remotos —
uma folha de outono
envolta no nimbo de medo
e somente um pouco
embalada de pena

MENSAGEM, Munique, 1968



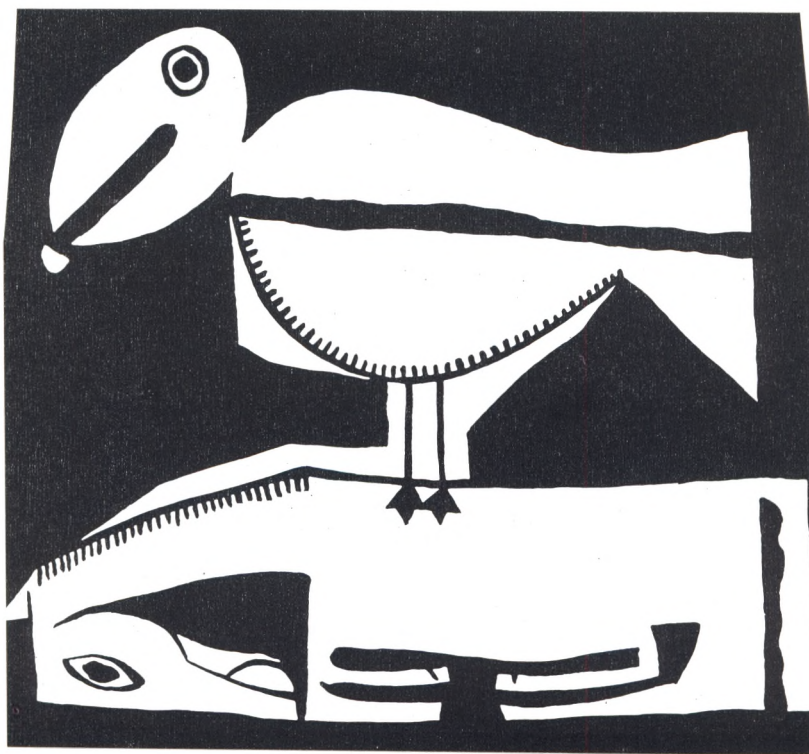
BOGHDÁN SOROKA /Lviw/
CASTIÇAL CARPÁTICO, 1967, óleo

VASSYL RUBAN /Kiev/

*

... O corvo na neve
esfria, não se derrete.
Neve seca e vento.
Acima de mim revoa o corvo frio,
quem há de estender-me a mão?
Não colherei da neve pétalas mornas...

VELAS, Kiev, 1968



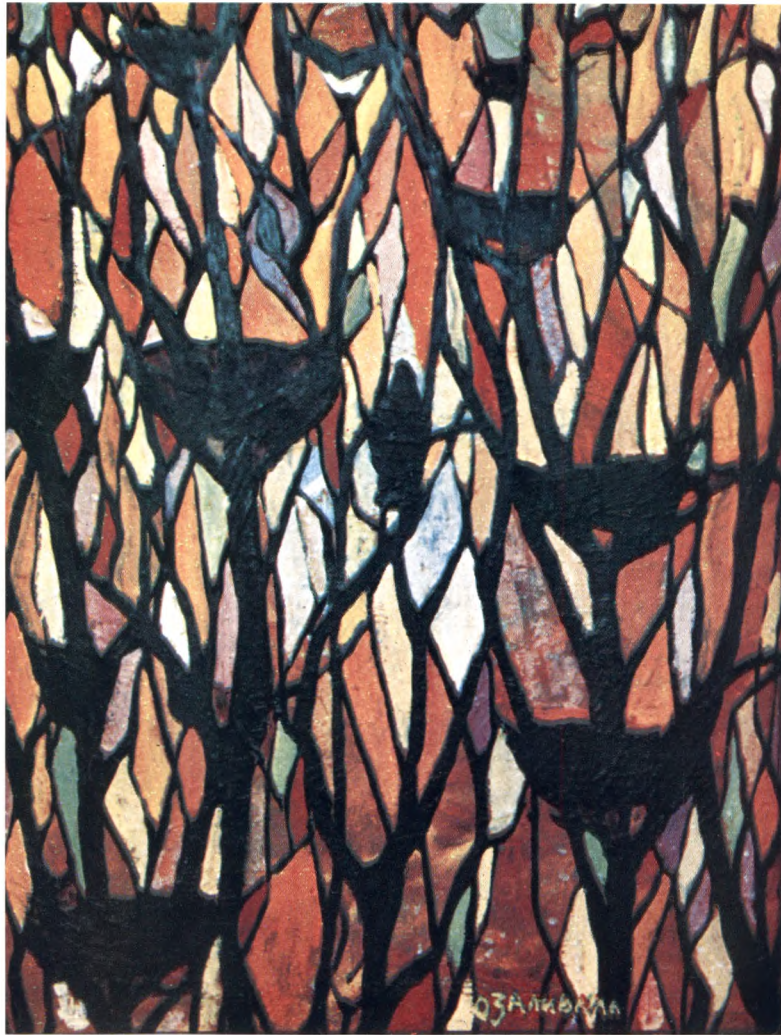
ROMÁN PETRÚK /Lviw/
PÁSSARO, 1968, nanquim

+ LEONID KISSELOV /Kiev/

OUTONO

Irremediável — tanto ouro
E tanto viço no fenecer!
Dos grilos passageiro coro
Forma meu modo de viver...

POESIA, Kiev, 1964 Nr.4



OPANÁS ZALYVAKHA /Ivano-Frankóvsk/
ÁRVORES OUTONNAIS, 1964?, óleo

YURY KOLOMYETS /Chicago/

SOL LAPIDADO

No obelisco da manhã
onde o pássaro
não baterá suas asas
meridionais,
surgiu lapidado
o sol.

Nos mastros pendem
nuvens,
nos gumes aguçados da cidade...
Cortadas ficam quadras
pela luz,
 porém
no sol há mais facetas.

SOL LAPIDADO, Nova York - Chicago, 1965



LUBOSL W GHUTSALI K /Nova York - Paris/
CIDADE-NAVIO, 1971,  leo

VITALY KOROTYTCH /Kiev/

FLUXO

Está escrito.

Era.

Mas — não me conformo.

Carimbo com meus pés o litoral.

E novamente meu pensar transtorno

Com verde indiferença do caudal.

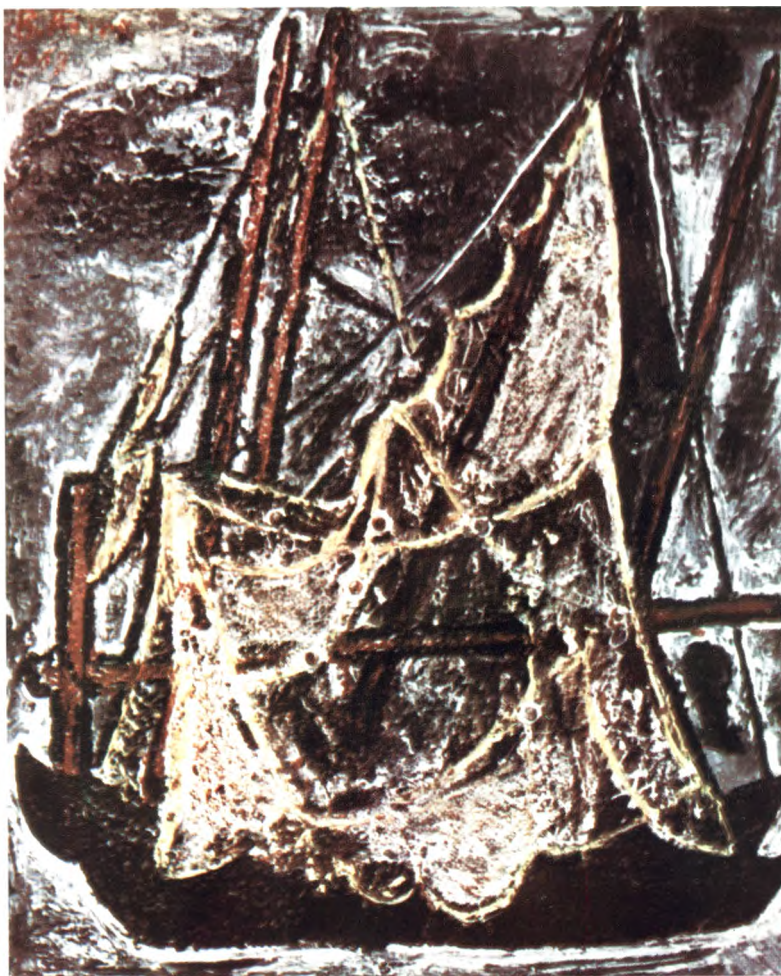
Penetra pelos olhos no meu ser

A calma persuasão da natureza,

Certeiro fluxo, jogo e lazer.

... Desná-Dnipro: a verde correnteza.

FLUXO, Kiev, 1965



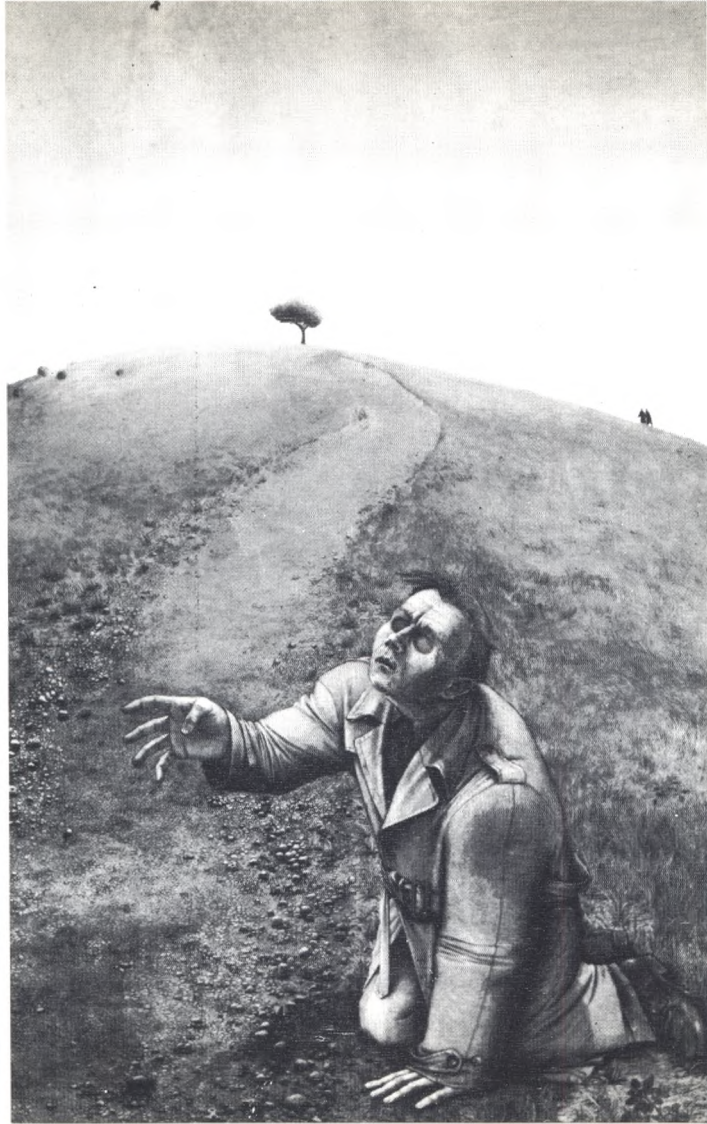
VOLODYMYR PATYK /Lviw/
BARCOS, 1968, óleo

VASSYL STUS /Kiev/

*

Cai morno cansaço do céu
Nos lábios, nos olhos, na alma . . .
A tarde calma
Sobre as águas desceu . . .
Vê, como o dia
Diante dos homens se inclina:
Ao passar a colina —
Um convidado no adeus .

ÁRVORES HIBERNAIS, Bruxelas. 1970



VASSYL KURYLYK /Toronto/
O CEGO, 1955, aquarela

MYKOLA VOROBÍÓW /Kiev/

DIA BREVE

Casas fluíram,
escorreram boinas de tetos —
seixos dourados
abriram janelas em pétalas.

Mulher azul
alimentou a tigela,
acrescentando a fonte
e sobre pedras vermelhas
passou pelo riacho.

VELAS, Kiev, 1968



+ MYROSLAW RADYCH /Nova York/
PAISAGEM RÓSEA, 1955, óleo

VALERY ILLA /Crimea/

*

Três moças
atravessaram o rio na mata,
sem levantar as bainhas
e com vestes molhadas até o peito
puseram-se irmãs de árvores,
de peixes,
dos gritos noturnos de feras.
Espantadas por mim
esconderam-se logo
nos altos talos.

Três brancas grinaldas
pelo rio fluíram.

POESIA, Kiev, 1964 Nr.4



ARKÁDIA OLENSKA - PETRYCHYN /Nova Brunswick/
HERBÁRIO DO SUL, 1971, nanquim

MARTA KALYTOWSKA /Paris/

O ANJO

De cima para baixo — um fio de prata
por ele desliza o Anjo.
Suas asas são harpas —
o vento as tange.
E o andar do Anjo é canto
na corda luzente —
pássaro celeste...

RIMAS E NÃO-RIMAS, Munique - Paris, 1955



GHRYPHORY PETSÚKH /Zakopane/
ALADO, 1966, madeira

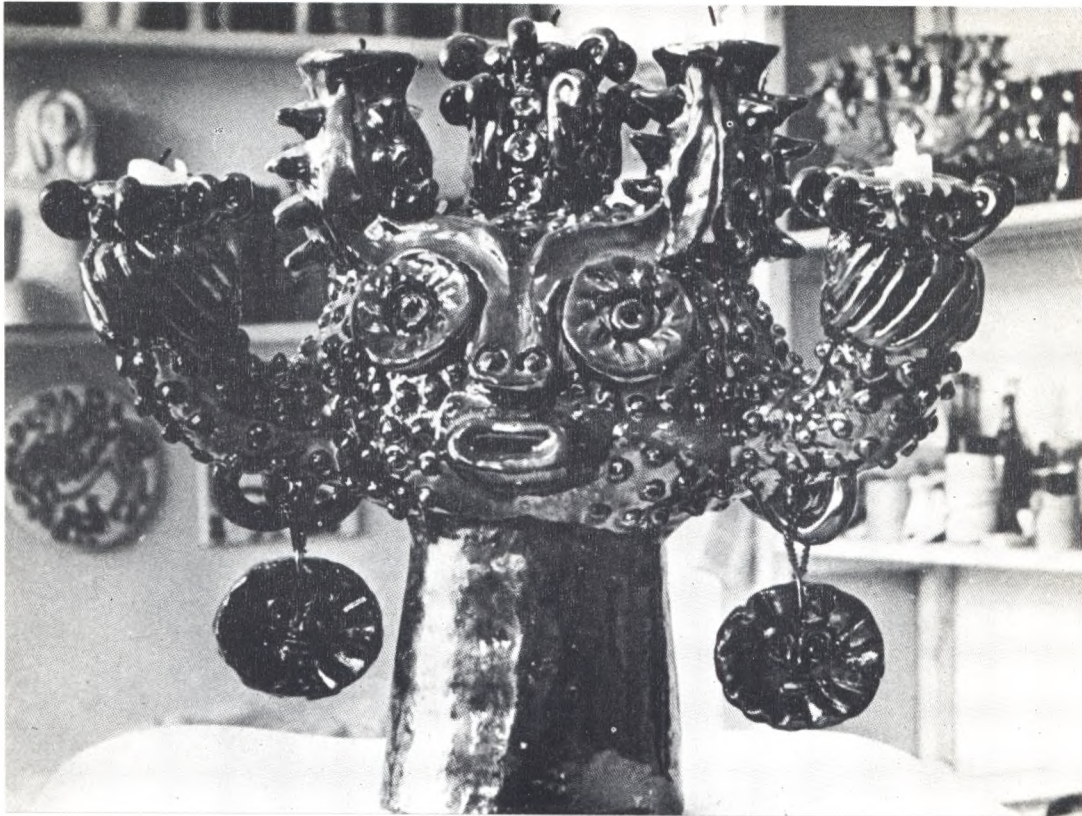
GENHA VASSYLKIWSKA /Washington/

ALÉM DO SILÊNCIO

Sussurro diáfano,
nós de rosários,
por lama seca
salta em raios,

e sob arbustos
pendem em lábios
vitrais floridos:
sombras de azáleas.

DISTÂNCIAS CURTAS, Nova York, 1959



OLGHA RAPAI /Kiev/
CASTIÇAL COM BRINCOS, 1967?, cerâmica

LINA KOSTENKO /Kiev/

SAMAMBAIAS
(Pintura)

Pássaros verdes
tarde do dia
vieram voando
em romaria.

Juntas pousaram
serenas, suaves
aves noturnas,
noturnas aves.

Batiam asas,
perdiam penas,
calavam doces
vozes de avenas.

Cada um dos troncos
brilha, esbrasea
com sua face
de lua cheia.

Pássaro verde!
O que procuras?
Bela é a lua,
tentam alturas.

Vamos embora!
Hora dourada —
pássaro verde
de madrugada.

Não conseguiram,
não dispararam,
as verdes asas
se entrelaçaram.

POESIAS, Baltimore - Paris - Toronto, 1969



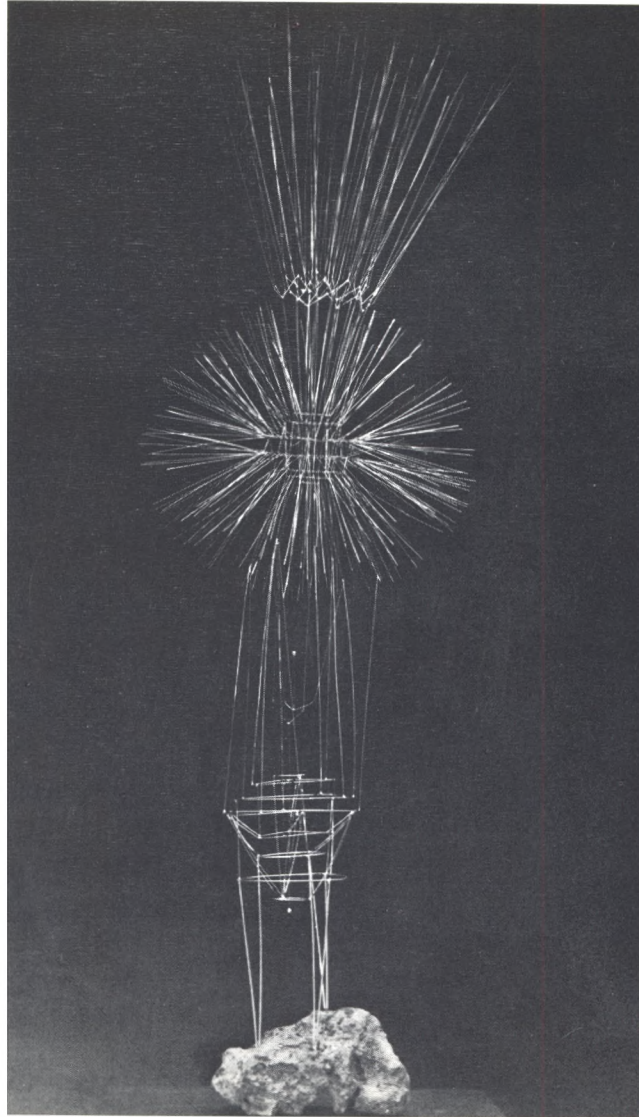
IVAN MARTCHUK /Kiev/
O MITO, 1968, óleo

IVÂN DRATCH /Kiev/

*

No fundo das minhas noites
Arde a vela branca
Passou o vento não apagou
Passou o boi não apagou
Passou o cavalo de crina cinzenta
Passou o tanque nas pontas dos pés
Passou o avião com o guarda-sol do céu
Não apagaram, não apagaram
Cada um se curvou
Cada um acendeu sua própria vela
la o vento levando a vela
la o cavalo levando a vela
lam o boi o avião e o tanque
Com uma vela, com uma vela
la um enorme palácio de vidro
Com uma pequena velinha
E um mosquitinho cinzento
Com um grande velão
No fundo das minhas noites
Arde a vela branca
Sinto alegria sinto tristeza
Inquietação até emudecer
A vela branca

POESIAS, Kiev, 1967



KONSTANTYN MILONADIS /Notre Dame/
LANTERNA LUNAR, 1967, arame cromado

VICTOR KORDUN /Kiev/

CRISTO GEORGÍNEO

Por causa da georgindade —
Cristo georgíneo.
Com a palma da mão pequena
liberta da areia
raízes das georginas
Cristo georgíneo.
Primeiro toma a água
em sua face
e lava com beijos aquáticos
pétala após pétala
de cada georgina —
Cristo georgíneo ...
aqui não desabrocha —
nem folhas,
nem raízes,
todo em botões.

ATUALIDADE, Munique, 1970 Nr. 10



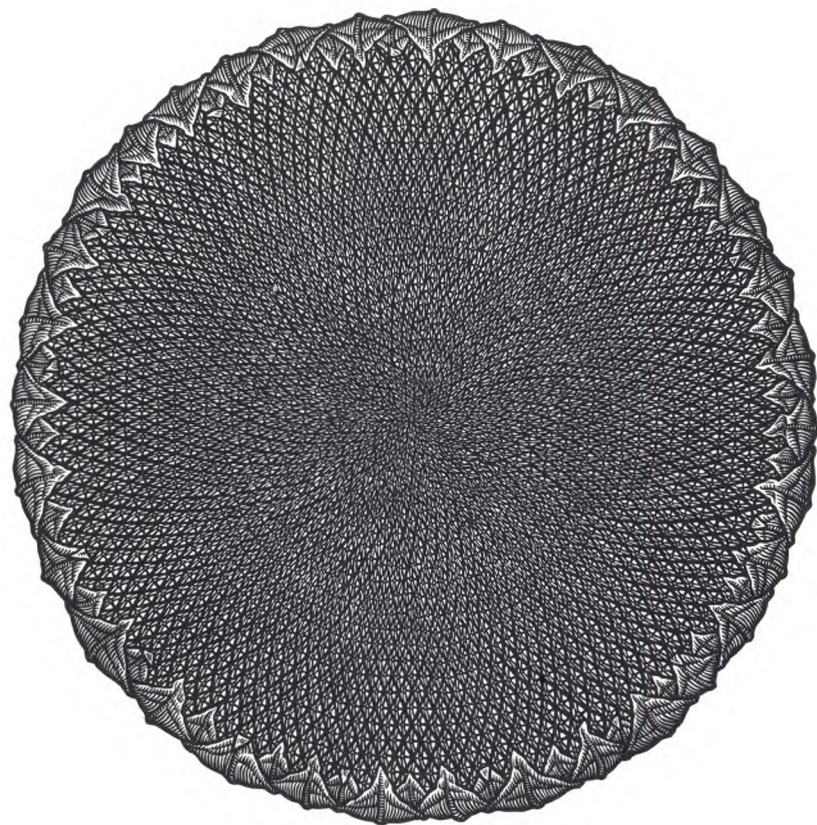
SLAVA GUERULÁK /Nova York/
FLOR, 1966, nanquim e aquarela

BOGHDÂN MARTSIUTKO /Lviw/

*

Semeava a mãe
girassóis
no verde horizonte —
abelhas sugavam
de suas mãos
o róseo sol.

OUTUBRO, Lviw, 1972 Nr.3



YAKIW GHNIZDOWSKY /Nova York/
GIRASSOL, 1965, gravura

ULANA BLYZNAK /Nova York/

MIRAGEM

Na jarra

ouro de algumas
espigas de trigo. Centáureas
e uma papoula. Não, duas —
um punhado.

Do meio de pétalas rubras,
dos olhos negros, nos miram
almas de antepassados.

Brando o vento passa
sobre o campo ucraniano —
na mesa.

ATUALIDADE, Munique, 1972 Nr. 6



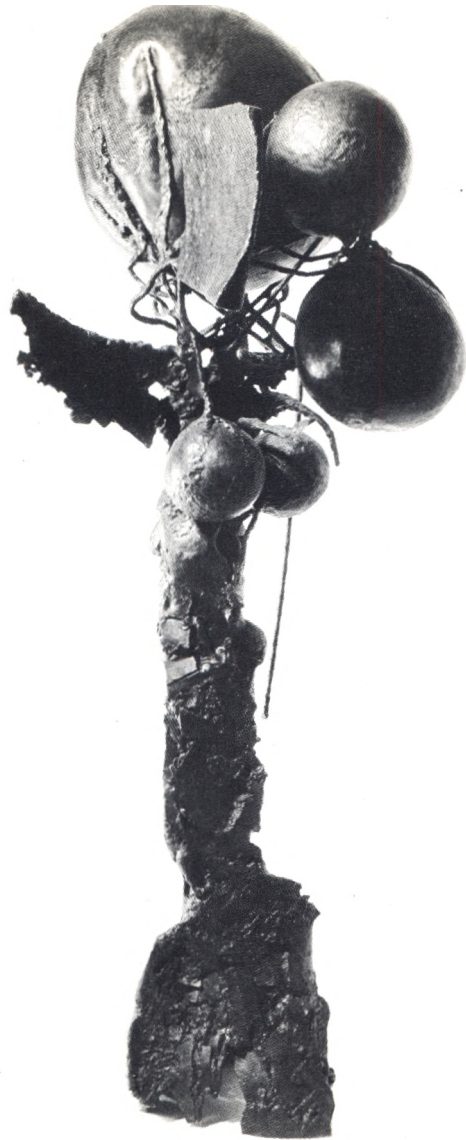
MYKOLA ANDRUCHTENKO /Lviw/
NATUREZA MORTA COM PAPOULAS, 1968, óleo

LIDA PALY /Toronto/

*

Nuvens sufocam lilazes
de plúmbeo cheiro pesados.
Carrego-os nas costas, duros punhados,
junto a lembranças de alheios pomares
desde a sombria morada da infância.

ATUALIDADE, Munique, 1970 Nr.11



OLEKSANDER GHUNENKO /Nova Haven/
ALIOSSA, 1962, aço forjado

IGHOR KALYNÉTS /Lviw/

*

crucificada igreja
cravejada
travada
de tábuas

congelaram
os anjos
com asas
imóveis
nos vidros

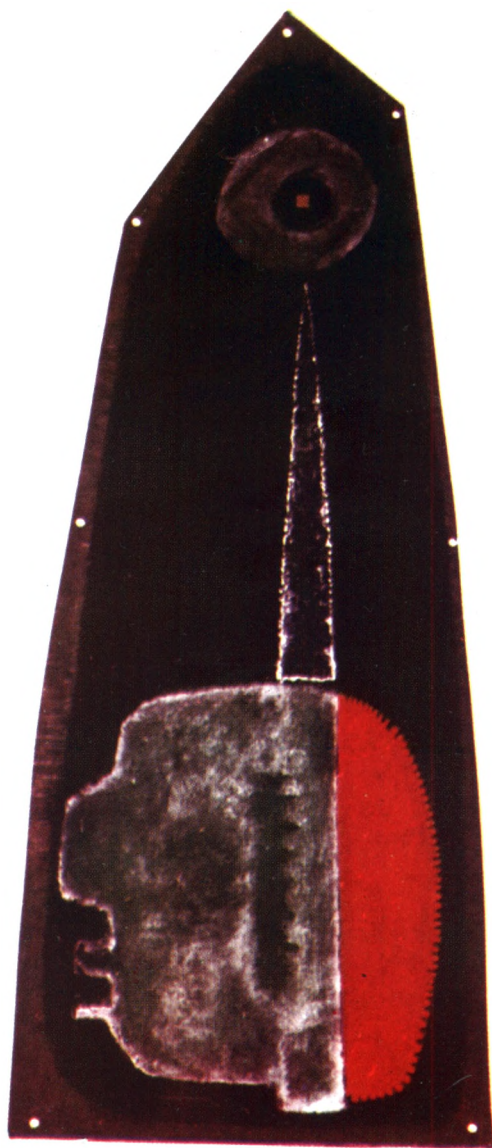
em torno
nas tília
os corvos
consagram
as celas

de noite
celebram
ofícios aos mortos

e as gentes
ainda
sonham
com são Nicolau

que a chave
da igreja
para eles
na corda de ouro
suspende

POESIAS DA UCRÂNIA, Bruxelas, 1970



OLÉGH MINHKÓ /Lviw/
CHAVE, 1966, têmpera

EMMA ANDIEWSKA /Munique/

*

Meu dia é tão breve —
Resvalo de água e caminho que some nas moitas.
Correm arautos, sem olhar para trás.
Da manhã à noite
Mudam os reinos.
Apenas a árvore sempre-verde,
À beira da migração dos povos,
Sacia com leite
Um potro errante.

E nenhuma notícia alcança sua meta.

CANÇÕES SEM TEXTO, Munique, 1968



YURY SOLOVY /Nova York/
O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, 1968, óleo

BORYS KORNIENKO /Móryntsi/

*

Hê, hê, cavalos, por que tanto tardais? —
Açoitou os flancos molhados.
E o velho, ao poço, tirou a abelha do balde
E pôs-se a esquentá-la na palma da mão.

RAÍZES, Kiev. 1971



GHALYNA SEWRÚK /Kiev/
COMPOSIÇÃO, 1968, cerâmica

IVÂN SOKULSKY /Dnipropetróvsk/

*

Revolta a estepe, fere o negro chão,
Erguem-se os choupos — gládios vingadores.
Amadurecem mente e coração.
Cem vezes tanto queimam nossas dores
Cem vezes crucifica o velho mal
Cem vezes o desprezo nos devora.
Instando sopra a brisa matinal:
Agora! Agora! Agora!

ARAUTO UCRANIANO Nr.2, Paris, 1971



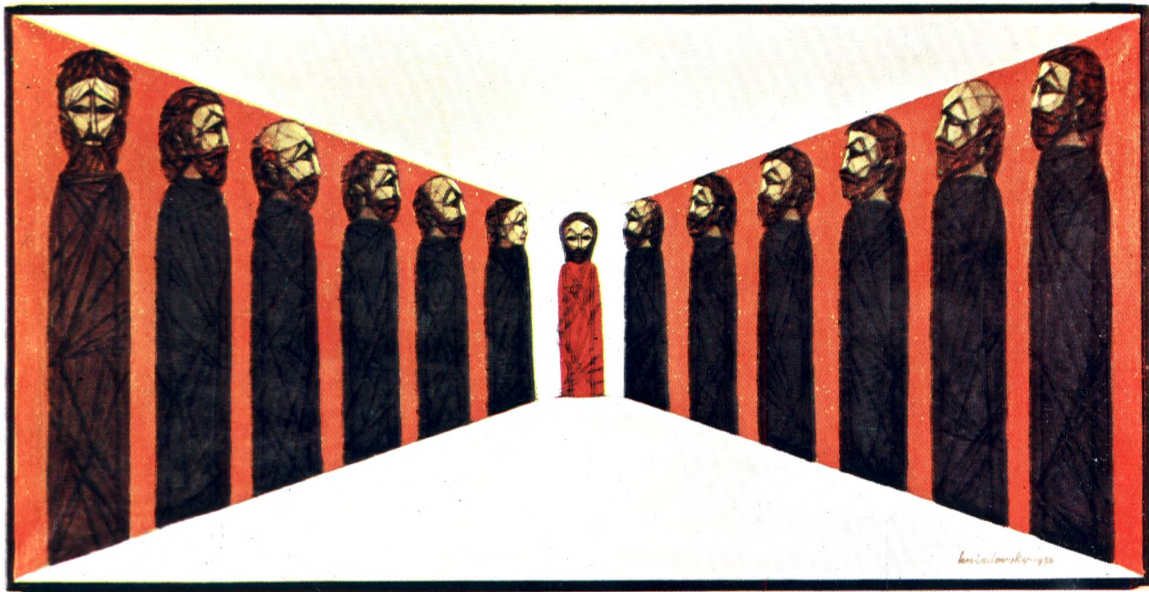
VOLODYMYR PATYK /L'viv/
SALTEADORES CARPÁTICOS, 1968, óleo

GHRYPHORY TCHUBAI /Lviw/

*

Ouve-se à noite
alguém como ruço
alguém como miasmas
passar furtivo junto à parede —
é a ferrugem que se acerca do olho da faca
que tudo viu. —

ATUALIDADE, Munique, 1871 Nr.2



YAKIW GHNIZDOWSKY /Nova York/
A ÚLTIMA CEIA, 1956, óleo

IRYNA MAKARYK /Toronto/

PAIXÃO

Sou eu a que levam àquele inferno —
ao campo de *antropo-fagos*,
contorsões de cérebro: Dachau.
Sou eu quem olha o fungo imenso —
é minha Hirochima.
Sou eu quem contempla o louco holocausto,
feridas de orfãs desumanizadas.
Sou eu soterrada
no ósseo solo
de Babyn Yar.
Sou eu cega de fome
que rasgo minha semelhança.
Sou eu desterrada à Sibéria
pela beleza da mente pura.
Sou eu, sem irmãos,
de luto pelos irmãos.
Sou eu, a donzela,
sofrendo pelos meus filhos.

ATUALIDADE, Munique, 1973 Nr. 3



YURY SOLOVY /Nova York/
CRUCIFIXO, 1968, óleo

STEPÁN GHOSTYNIÁK /Presov/

VOCAÇÃO DA FACA

O homem quer dormir — o dia todo
 amolava a faca.
O homem cai — sua nuca encontra o gume
 que anseia por sorver o vinho tinto.
O homem chora, pois não é seu sangue
 que cai na terra, mas amor e vida.

Ó homem, senta-te comigo junto à mesa
Para aprender a lei mais grave desse tempo.
Ó homem, esta faca serve
Para partir maçã e pão ao meio.

PROPONHO-VOS MEU CAMINHO, Bratislava, 1965



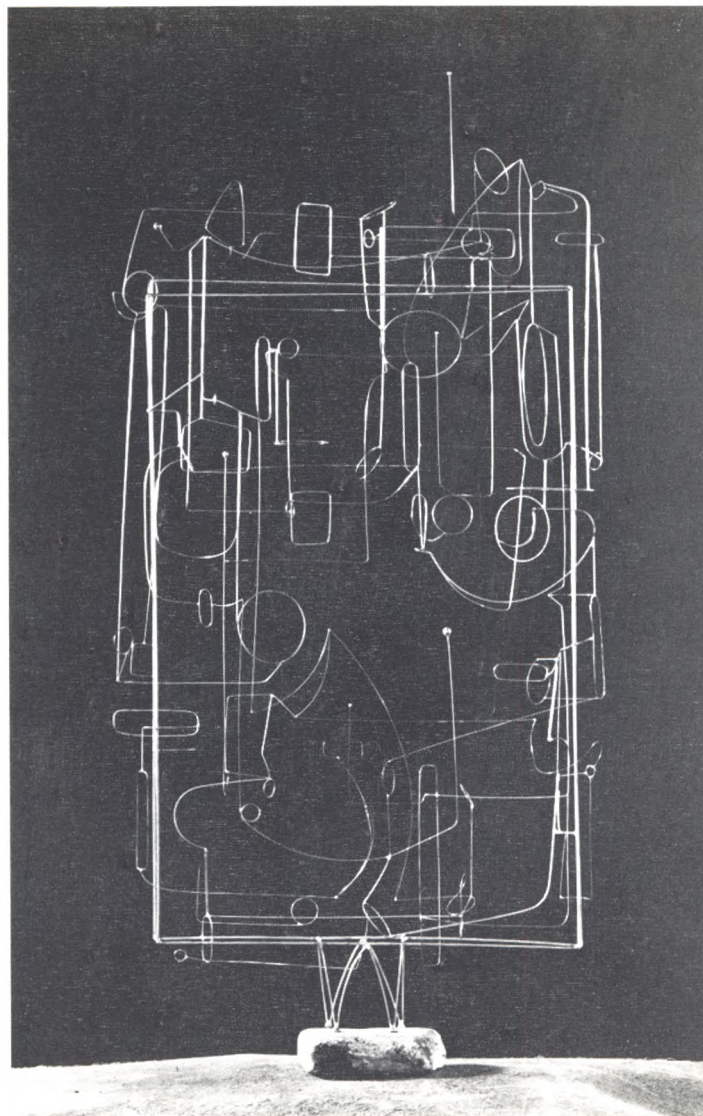
MARKÓ ZUBÁR /Philadelphia/
ECCE HOMO, 1972. vitral

WIRA WOWK /Rio de Janeiro/

O VENTO

Alguém acende as cores
de velhos linhos tecidos
na mesa e nas paredes
enquanto mão invisível
vagueia em cordas de cobre
ferindo o torso da cobza.
É um vento de longe,
grave, de tempos remotos,
com nova epopéia nas asas.

Manuscrito, 1973



KONSTANTYN MILONADIS /Notre Dame/
PÁGINA DE RUNAS, 1968, arame cromado

YURY TARNAWSKY /Nova York/

ESELHO, MÃO

Sob o espelho
a mão —
sinal
de interrogação:
porque não é branco
o sangue,
por que não de papel
os lábios,
por que não de sinal
a mão,
por que não de espelho
a vida?

A frase
de vidro verde,
na branca mão
o sinal de interrogação.

CANÇÕES YE-YE, Nova York, 1970



TEODÓSIA BRYJ /Lviv/
MEDITAÇÃO, 1966, cimento armado

YOSYF ZBIGLEI /Presov/

CACTO

Que te doa
Esse toque.

Que te doa
Essa mão.

Que o verde verdeje.

Da sede
Provenho...

JANELAS SEM TERNURA, Bratislava, 1969



OLEKSANDER GHUNENKO /Nova Haven/
ABALAN, 1967, aço forjado

A transcrição de nomes foi adaptada foneticamente à pronúncia portuguesa.

PRINTED IN BRAZIL

